

Universidade Nova de Lisboa

Faculdade de Economia

**MÉTODOS DE PROCURA DE EMPREGO
PELOS JOVENS EM PORTUGAL**

Ricardo Mourinho Félix

Lisboa

Fevereiro de 1999

Universidade Nova de Lisboa

Programa de Doutoramento e Mestrado em Economia

Microeconometria

Fevereiro de 1999

RESUMO DO ARTIGO

Métodos de procura de emprego pelos jovens em Portugal*

Os métodos de procura de emprego são geralmente tomados como um processo homogéneo pela literatura de Economia do Trabalho, contudo esta é uma hipótese simplificadora. Em Holzer (1988) desenvolve-se um modelo teórico de procura de emprego em que se consideram diversos métodos e determina-se as condições de escolha óptima. O estudo que se apresenta faz uma aplicação empírica em que utiliza modelos de duração, recorrendo-se à estimação de *hazard functions* de forma a retirar conclusões sobre os métodos e as determinantes da duração do desemprego no caso dos jovens. As principais conclusões dizem respeito ao efeito desincentivador dos subsídios de desemprego e à fraca eficácia dos centros de emprego. A escolaridade surge como um dos principais factores capazes de reduzir a duração do desemprego dos jovens e a sua dificuldade em entrar no mercado de trabalho.

* Este artigo foi produzido como parte integrante dos elementos de avaliação do curso de Microeconometria relativo ao ano lectivo 1998/99, leccionado pelo Professor Pedro Telhado Pereira. O autor agradece toda a colaboração dispensada pelo Professor Pedro Portugal. Obviamente, todos os erros são da exclusiva responsabilidade do autor.

Os métodos de procura de emprego não constituem um todo homogêneo, existem diferentes processos de procura de emprego que diferem quer em termos de custos de tempo e financeiros, quer em termos de efectividade dos próprios métodos e da sua adequação às características dos indivíduos.

O caso dos jovens que procuram emprego difere do caso geral, na medida em que aqueles que entram no mercado de trabalho, ou são recém-chegados a este, têm comportamentos distintos daqueles que já estão inseridos no mercado há mais tempo, nomeadamente no que respeita ao método de procura. As diferenças de comportamento entre os jovens que procuram emprego e aqueles que já possuem um historial mais vasto são bem sustentadas no plano teórico pela literatura sobre assimetria de informação (fenómenos de selecção adversa e risco moral). Assim, os métodos de procura de emprego variam consoante a capacidade dos jovens que procuram emprego sinalizarem e certificarem as suas capacidades de forma a ultrapassarem os problemas de assimetria de informação. Esta capacidade é condicionada pela dotação de capital humano do indivíduo (experiência passada, grau de escolaridade,...) e por uma série de características idiossincráticas.

O modelo teórico pioneiro na análise dos métodos de procura de emprego pelos jovens foi desenvolvido por Holzer (1988), que fez uma aplicação ao comportamento de procura de emprego pelos trabalhadores desempregados com idades compreendidas entre os 16 e os 23 anos, tomando como base o Youth Cohort do National Longitudinal Survey de 1981.

A ideia do modelo de Holzer é que, em cada período, os indivíduos desempregados maximizam o valor actualizado da sua utilidade esperada, dado um

salário de reserva e uma intensidade de procura de emprego. A intensidade de procura de emprego reduz a utilidade no período corrente, aumentando a probabilidade de encontrar um emprego e logo o valor esperado do rendimento futuro. Os métodos de procura de emprego variam entre si em termos de custo e efectividade e consoante as dotações de capital humano de cada um dos indivíduos, a experiência e a região em que estão a procurar emprego.

A solução do modelo de Holzer consiste em igualar o custo marginal de cada um dos métodos ao valor esperado dos benefícios associados à utilização desse método. O modelo contém um salário de reserva que determina a probabilidade de aceitação de uma oferta de emprego, sendo os métodos de procura escolhidos a determinar a probabilidade de ser oferecido um determinado emprego. A intensidade de procura depende do número de métodos de procura e os custos dependem da frequência com que é feita a procura e da valorização do tempo despendido. A intensidade de procura é uma função da oferta prevista, reflectindo desta forma os benefícios esperados.

Outros estudos se seguiram ao de Holzer (1988), mas foram dirigidos à generalidade da população inquirida, independentemente da faixa etária, como é o caso de Addison e Portugal (1998). O estudo de Addison e Portugal (1998) analisa os métodos de procura de emprego pela generalidade dos desempregados portugueses, pelo que se torna especialmente interessante a comparação dos resultados do estudo que se apresenta com o destes autores de forma a aferir a especificidade do caso dos jovens.

A análise dos métodos de procura de emprego pelos jovens desempregados portugueses é um tema especialmente interessante, não só pelo facto de se concentrar na temática do desemprego que tem assumido um papel de relevo na economia europeia, como também pelo facto de se preocupar com um segmento populacional especialmente vulnerável aos problemas de assimetria de informação anteriormente referidos.

Este estudo desenvolve-se em cinco capítulos. No capítulo seguinte faz-se uma apresentação formal do modelo de Holzer. No segundo capítulo apresenta-se a

metodologia utilizada para analisar o papel dos diferentes métodos de procura de emprego, que se baseia na literatura sobre modelos de transição. No terceiro capítulo descrevem-se os dados utilizados. No quarto capítulo analisa-se a estrutura dos dados, apresentam-se os resultados da estimação econométrica dos diferentes modelos e faz-se uma análise dos resultados, retirando-se conclusões sobre a situação dos jovens no mercado de trabalho em Portugal. No último capítulo, comparam-se os resultados obtidos neste estudo com os de Addison e Portugal (1988) e tiram-se algumas conclusões adicionais.

1. Um modelo teórico de procura de emprego

O modelo teórico pioneiro no estudo dos processos de procura de emprego foi desenvolvido em Holzer (1988). O estudo de Holzer tem como objectivo apresentar um modelo de procura de emprego que possa relacionar a produtividade esperada de cada um dos métodos, com as remunerações não-salariais (seguro de desemprego, por exemplo) e a distribuição da oferta de salários.

A evidência empírica mostra que os métodos de procura de emprego mais utilizados são aqueles que são mais produtivos em termos de adequação entre a procura e oferta de emprego.

O modelo que Holzer apresenta para motivar as aplicações empíricas é bastante útil para ilustrar o comportamento dos desempregados que procuram emprego pela sua clareza e simplicidade na formalização.

O modelo postula que:

1. em cada período, os desempregados fazem uma optimização intertemporal da sua utilidade, isto é, maximizam a soma da sua utilidade corrente e do valor esperado da sua utilidade futura;
2. o valor esperado da utilidade futura é uma média ponderada da utilidade no caso de transitar para o emprego e da utilidade no caso de não transitar; os ponderadores são as probabilidades de transitar para emprego no período que se está a considerar;
3. os desempregados maximizam a sua utilidade intertemporal, escolhendo um salário de reserva e uma intensidade de procura para cada um dos métodos; a procura de emprego por qualquer método reduz a utilidade no momento corrente, mas aumenta o valor esperado da utilidade futura;
4. os métodos de procura de emprego têm diferentes custos e diferentes graus de produtividade; os custos e produtividades variam para um dado método

em que w^r é o salário de reserva; SM_1, \dots, SM_j são as intensidades de procura escolhidas em cada um dos j métodos; U_t é a utilidade total esperada no período t ; v é a utilidade no período corrente; Y é o rendimento não-salarial e L é o lazer; c_j é o custo monetário por unidade de SM_j ; π é a probabilidade de vir a ser oferecido um emprego; $f(w)$ é a distribuição dos salários oferecidos; e Ψ é a função de utilidade de transitar para o emprego próximo período.

Para simplificar assume-se que c_j é constante e que a intensidade de procura de emprego por cada método tem rendimentos marginais decrescentes, assume-se também que a taxa de desconto intertemporal é nula.

A partir das condições de primeira ordem do problema de optimização determina-se o salário de reserva e a intensidade de procura a usar em cada método de forma óptima:

$$\Psi(w^r) = U_{t+1} \quad (2)$$

$$v_1 c_j + v_2 \geq \pi_j \int_{w^r}^{\infty} [\Psi(w) - U_{t+1}] f(w) dw \quad \text{para cada } j \quad (3)$$

A equação (2) diz que a utilidade de ter um emprego deve ser igual à utilidade esperada de continuar desempregado no próximo período. A equação (3) indica que

a intensidade de procura a aplicar em cada método deve ser tal que o custo marginal (quer em termos de custo financeiro, quer em termos de lazer perdido) avaliado em termos de utilidade corrente deve igualar o benefício marginal, que corresponde ao ganho de utilidade esperado por transitar para o emprego, que cada método de procura proporciona.

A partir daqui podemos definir a intensidade de procura (SI) e os custos financeiros da procura (SC) como:

$$SI = \sum_j SM_j \quad (4)$$

$$SC = \sum_j c_j SM_j \quad (5)$$

A intensidade de escolha em cada método e o salário de reserva permitem determinar a probabilidade de um indivíduo ter um emprego em determinado período da seguinte forma:

$$P_E = \pi(SM_1, \dots, SM_j) [1 - F(w^r)] \quad (6)$$

A probabilidade de ser oferecido um emprego depende da intensidade de procura utilizada em cada método, ao passo que a probabilidade de essa oferta ser aceite depende do salário de reserva. O modelo de Holzer é muito simples, mas permite formalizar um comportamento que é totalmente intuitivo.

O que se pretende neste estudo é avaliar a produtividade de cada um dos métodos de procura de emprego no caso dos jovens e que condicionantes afectam esta produtividade.

2. Alguns tópicos sobre modelos de duração

A aplicação de modelos de duração à análise do fenómeno do desemprego tem sido uma das vias seguidas pela Economia do Trabalho, sobretudo quando se levanta a questão de tentar encontrar determinantes para a duração do desemprego.

Este estudo pretende encontrar alguma evidência empírica sobre as determinantes da duração do desemprego dos jovens em Portugal, pondo ênfase na escolha dos métodos de procura de emprego, enquanto determinantes dessa duração. Desta forma, é útil introduzir alguns conceitos sobre modelos de duração.

Quando utilizamos modelos de duração para analisar um determinado fenómeno, podemos estar interessados em saber algo sobre a duração dos acontecimentos ou em saber a probabilidade de um determinado fenómeno não perdurar no próximo período, dado que se verificou nos últimos t períodos. No caso do desemprego, em particular, podemos estar interessados em estimar a duração do desemprego ou, por outro lado, em estimar a probabilidade de um indivíduo encontrar emprego no próximo período, dado que não encontrou emprego nos últimos t períodos.

Os dois tipos de abordagem anteriormente descritos estão tratados pela literatura sobre modelos de duração, sendo os primeiros conhecidos como Accelerated Failure Time Models (AFT) e os segundos como Proportional Hazard Models (PH).

Os modelos AFT surgem geralmente com a seguinte especificação:

$$\ln(T) = X\beta + \sigma\omega \quad (7)$$

em que X é um vector de variáveis independentes e β é um vector de coeficientes, σ é um parâmetro de escala e ω é um ruído.

Nos modelos PH pretende-se estimar a probabilidade instantânea de transição, que pode ser definida como:

$$h(t, X, \beta') = \lambda_0(t) \phi(X, \beta') \quad (8)$$

onde $\lambda_0(t)$ é a *baseline hazard function*. Uma especificação conveniente para $\phi(X, \beta')$ é $\exp(X\beta')$, logo a equação (8) pode ser escrita como:

$$\ln h(t) = \ln \lambda_0(t) + X\beta' \quad (9)$$

A questão reside em definir uma forma para a *baseline hazard function*. Há duas especificações habitualmente utilizadas: a especificação de Burr; e a *piecewise constant hazard function*.

As principal diferença entre os modelos AFT e PH é fácil de compreender pela descrição que atrás se fez. A diferença está na forma como as covariáveis X afectam a duração do fenómeno ou as taxas de transição. Nos modelos AFT as covariáveis têm um efeito linear no logaritmo da duração, ao passo que nos modelos PH o efeito linear é sobre a probabilidade de transição no período seguinte.

Neste estudo, o interesse centra-se na análise do efeito dos métodos de procura de emprego na probabilidade de transição para o emprego, dada uma determinada duração de desemprego, sendo óbvia a opção pelo modelo PH.

2.1. Uma *baseline piecewise constant hazard function*

A *baseline piecewise constant hazard function* é uma função por troços, como o próprio nome indica. Neste estudo consideram-se onze intervalos de duração do desemprego: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7 a 9, 10 a 12, 13-18, 19-24, 25 ou mais meses.

A especificação é a seguinte:

$$\begin{cases} h_1, 0 \leq t \leq c_1 \\ h_2, c_2 < t \leq c_3 \\ \vdots \\ h_M, c_{M-1} < t \leq \infty \end{cases} \quad (10)$$

temos $M - 1$ constantes conhecidas $\{c_m\}$ e M constantes desconhecidas $\{h_m\}$.

A função de sobrevivência $S(t)$ dá-nos a probabilidade da duração do fenómeno ser superior a t :

$$S(t) = \exp\left\{-\int h(s)ds\right\} = \exp\left\{-\sum_{j=0}^m b_j h_j - (t - c_m)h_{m+1}\right\} \quad (11)$$

com $c_m < t \leq c_{m+1}$, $m = 0, 1, 2, \dots, M - 1$, $b_j = c_j - c_{j-1}$, $c_0 = b_0 = 0$ e $c_M = \infty$.

Podemos também definir uma função de densidade descontínua, que nos dá a probabilidade instantânea da duração ser t :

$$f(t) = h_{m+1} \cdot S(t), \quad c_m < t \leq c_{m+1}, \quad m = 0, 1, 2, \dots, M - 1 \quad (12)$$

Esta especificação para a *baseline* é extremamente flexível, é uma forma de deixar os dados falarem por si e obter o comportamento da *hazard function* ao longo da duração do desemprego do fenómeno.

Nesta especificação podemos introduzir também regressores invariantes de forma a controlar a estimação e a ter em conta as características de cada indivíduo, assim como a estratégia de procura de emprego que cada um dos indivíduos leva a cabo. Para introduzir estes regressores basta especificar o modelo na seguinte forma:

$$h(t) = k_1(x)h_m, \quad c_{m-1} < t \leq c_m, \quad m = 1, \dots, M \quad (13)$$

Temos dois casos possíveis quando queremos estimar um modelo com uma *baseline piecewise constant*: dados em bruto; ou dados agrupados em intervalos. O primeiro caso é mais geral, sendo o segundo um tratamento particular do primeiro caso. Assim, apresenta-se primeiro o caso geral e depois o tratamento específico para dados agrupados.

2.2. O caso geral

Considera-se que a *hazard function* de cada indivíduo é *piecewise constant* em função da duração e que a duração está repartida em M valores c_1, \dots, c_{M-1} . Desta forma, podemos escrever a *hazard function* para o indivíduo i no m -ésimo intervalo como:

$$h_i(t) = \mu_i \cdot e^{\lambda_m}, \quad c_{m-1} \leq t < c_m, \quad m = 1, 2, \dots, M \quad (14)$$

com $c_0 = 0$ e $c_M = \infty$, sendo μ_i uma função dos regressores invariantes. Assume-se que:

$$\mu \equiv \exp(x' \gamma) \quad (15)$$

Considera-se ainda:

$$d_m(t) = \begin{cases} 1, & \text{se } c_{m-1} \leq t < c_m, \quad m = 1, 2, \dots, M \\ 0, & \text{outros casos} \end{cases} \quad (16)$$

e

$$D_m(t) = \prod_{j=1}^m [1 - d_j(t)], \quad m = 1, 2, \dots, M, \quad D_0(t) = 1 \quad (17)$$

em que $\{d_m\}$ indica o intervalo em que cai t , tal que $d_m = 1$ se t cai no m -ésimo intervalo. D_m indica se t cai depois de c_m , tomando o valor 1 nesse caso.

A *hazard function* para o indivíduo i pode ser escrita como:

$$h_i(t) = \mu_i \cdot \exp \left\{ \sum_{m=1}^M \lambda_m \cdot d_m(t) \right\} \quad (18)$$

se considerarmos que $\mu_i = \exp(x' \gamma)$ vem:

$$\log h(t) = x' \gamma + \sum_{m=1}^M \lambda_m \cdot d_m(t) \quad (19)$$

Desta forma, obtemos um modelo log-linear logo o estimador da máxima verosimilhança é único e é possível identificá-lo. A função de verosimilhança para o caso em que observamos o valor exacto de t para cada um dos N indivíduos é definida como:

$$L_i = \delta_i \cdot \log \mu_i + \delta_i \cdot \sum_{m=1}^M d_{im} \cdot \lambda_m - \mu_i \sum_{m=1}^M e^{\lambda_m} [(t_i - c_{m-1})d_{im} + (c_m - c_{m-1})D_{im}] \quad (20)$$

em que δ_i é um cursor binário que assume o valor 1 se a observação não foi censurada e se $d_{im} = d_m(t_i)$ e $D_{im} = D_m(t_i)$.

A função de verosimilhança para o total da amostra é obtida por soma das funções individuais:

$$L = \sum_{i=1}^N \delta_i \cdot \log \mu_i + \sum_{m=1}^M \lambda_m \sum_{i=1}^N d_{im} \cdot \delta_i - \sum_{m=1}^M e^{\lambda_m} \sum_{i=1}^N \mu_i [(t_i - c_{m-1})d_{im} + (c_m - c_{m-1})D_{im}] \quad (21)$$

Diferenciando a função de verosimilhança em ordem a cada um dos λ_m obtemos os *scores*:

$$\frac{\partial L}{\partial \lambda_m} = \sum_{i=1}^N \delta_i d_{im} - e^{\lambda_m} \sum_{i=1}^N \mu_i [(t_i - c_{m-1})d_{im} + (c_m - c_{m-1})D_{im}] \quad m = 1, 2, \dots, M \quad (22)$$

igualando a zero e resolvendo para e^{λ_m} vem:

$$e^{\lambda_m} = \frac{E_m}{\sum_{i=1}^N \mu_i [(t_i - c_{m-1})d_{im} + (c_m - c_{m-1})D_{im}]} \quad (23)$$

em que E_m é o número de indivíduos que transitam no m -ésimo intervalo e em que a expressão $(t_i - c_{m-1})d_{im} + (c_m - c_{m-1})D_{im}$ é o tempo total passado pelo indivíduo i no intervalo m . $\mu_i [(t_i - c_{m-1})d_{im} + (c_m - c_{m-1})D_{im}]$ é uma transformação para cada indivíduo da sua escala temporal, de forma a que os indivíduos com μ_i mais elevado, que tendem a transitar mais rapidamente, tenham uma contagem de tempo mais rápida que os que têm um μ_i mais baixo.

2.3. O caso de dados agrupados

Neste caso, assume-se que os dados estão agrupados em intervalos cujos pontos limite são $\{c_m\}$ e que para cada indivíduo conhece-se apenas o intervalo em que o indivíduo cai ou quando é censurado. Se um indivíduo transita no m -ésimo intervalo, sabe-se apenas que $c_{m-1} \leq t < c_m$, para um indivíduo censurado em m sabe-se apenas que $t \geq c_{m-1}$.

A função de verosimilhança de cada indivíduo é tal que:

$$L = \prod_{m=1}^M \left[\left\{ \frac{\bar{G}(c_{m-1}) - \bar{G}(c_m)}{\bar{G}(c_{m-1})} \right\}^\delta \cdot \bar{G}(c_{m-1})^{1-\delta} \right]^{d_m} = \prod_{m=1}^M \left[\left\{ 1 - \frac{\bar{G}(c_m)}{\bar{G}(c_{m-1})} \right\}^\delta \cdot \bar{G}(c_{m-1})^{1-\delta} \right]^{d_m} \quad (24)$$

em que d_m é o indicador de que o indivíduo transita no m -ésimo intervalo com:

$$\frac{\bar{G}(c_m)}{\bar{G}(c_{m-1})} = \begin{cases} \exp\{-\mu(c_m - c_{m-1})e^{\lambda_m}\}, & m = 1, 2, \dots, M \\ 0, & m = M \end{cases} \quad (25)$$

e com

$$\bar{G}(c_{m-1}) = \exp\left\{-\mu \cdot \sum_{l=1}^{m-1} (c_l - c_{l-1})e^{\lambda_l}\right\}, \quad m = 2, 3, \dots, M \quad (26)$$

Substituindo na equação (24) obtém-se a seguinte função de verosimilhança a maximizar:

$$L = \prod_{m=1}^{M-1} \left[1 - \exp\{-\mu(c_m - c_{m-1})e^{\lambda_m}\} \right]^{d_m} \times \prod_{m=2}^M \exp\left\{-d_m \cdot \mu \cdot \sum_{l=1}^{m-1} (c_l - c_{l-1})e^{\lambda_l}\right\} \quad (27)$$

A questão a realçar é o facto de λ_M não ser relevante para conhecer as taxas de transição na medida em que qualquer observação que caia no M -ésimo intervalo é censurada em c_{M-1} .

Considere-se então que:

$$(c_m - c_{m-1})e^{\lambda_m} = e^{\beta_m}, \quad m = 1, 2, \dots, M-1 \quad (28)$$

e defina-se:

$$h_{im} = \exp\{-\mu_i \cdot e^{\beta_m}\} \quad (29)$$

em que h_{im} é o rácio das diversas funções de sobrevivência para os diferentes indivíduos. Desta forma, a função de verosimilhança do indivíduo i é definida como:

$$L_i = \delta_i \sum_{m=1}^{M-1} d_{im} \cdot \log[1 - h_{im}] - \sum_{m=2}^M d_{im} \cdot \mu_i \cdot \sum_{l=1}^{M-1} e^{\beta_l} \quad (30)$$

A função de verosimilhança a maximizar para a globalidade da amostra é:

$$L = \sum_{i=1}^N \left\{ \delta_i \sum_{m=1}^{M-1} d_{im} \cdot \log[1 - h_{im}] - \sum_{m=2}^M d_{im} \cdot \mu_i \cdot \sum_{l=1}^{M-1} e^{\beta_l} \right\} \quad (31)$$

sendo os *scores* dos $\{\beta_m\}$:

$$\frac{\partial L}{\partial \beta_m} = e^{\beta_m} \cdot \sum_{i=1}^N \mu_i \left(\frac{\delta_i \cdot d_{im} \cdot h_{im}}{1 - h_{im}} - D_{im} \right), \quad m = 1, 2, \dots, M-1 \quad (32)$$

em que D_{im} é uma variável binária que nos diz se t cai depois de c_m ou antes.

Considerando o caso em que os regressores estão incluídos, temos que $\mu_i = \exp\{x_i' \gamma\}$ e logo os *scores* dos coeficientes dos regressores são:

$$\frac{\partial L}{\partial \gamma_j} = \sum_{i=1}^N \sum_{m=1}^M x_{ij} \cdot \mu_i \cdot e^{\beta_m} \left\{ \frac{\delta_i \cdot d_{im} \cdot h_{im}}{1 - h_{im}} - D_{im} \right\} \quad (33)$$

A partir daqui obtém-se os $\{\beta_m\}$ e os $\{\gamma_j\}$ igualando os *scores* a zero e resolvendo para o coeficiente que se está a estimar.

Neste estudo, os dados são fornecidos de forma agrupada, na medida em que se conhece apenas a duração do desemprego em meses. Para se considerar o caso geral seria necessário ter dados em dias ou, no limite, em semanas.

3. Os dados

Os dados utilizados neste trabalho são retirados da base de dados do Inquérito ao Emprego do Instituto Nacional de Estatística, que inquire trimestralmente uma amostra de indivíduos representativa do mercado de trabalho português.

O Inquérito ao Emprego questiona os indivíduos sobre a sua situação profissional actual e sobre a sua história profissional passada. Desta forma, os indivíduos respondem, não apenas sobre a sua situação face ao mercado de trabalho à altura do inquérito, mas também sobre a evolução seu perfil profissional e necessariamente sobre a duração de cada um dos episódios desse perfil.

O Inquérito ao Emprego obedece a um plano amostral tal que cada indivíduo é inquirido durante seis trimestres consecutivos, pelo que é possível apurar as suas transições, isto é, se transitou do desemprego para o emprego ou vice-versa, bem como se transitou para a inactividade e desta para o emprego ou para a situação de desemprego, por exemplo. Uma vez que o indivíduo é inquirido durante seis trimestres, só é possível apurar estas transições durante cinco trimestres.

As taxas de transição são obtidas pela simples identificação daqueles que, estando numa determinada situação face ao mercado de trabalho e dada uma determinada duração passada nessa situação, transitam no trimestre subsequente.

As taxas de transição são calculadas da seguinte forma:

$$\text{Taxa de transição} = \frac{\text{Número de indivíduos que transitam} \mid \text{duração}}{\text{Número de indivíduos total} \mid \text{duração}}$$

Para calcular a taxa de transição do desemprego para o emprego, a aplicação da fórmula é directa.

O plano amostral do Inquérito ao Emprego corresponde ao esquema de observação num intervalo de tempo fixo (no caso seis trimestres) de acordo com a classificação de Lancaster (1990). Este tipo de plano amostral contribui para que se

possa fazer uma análise de fluxo, que permite identificar a contribuição de cada método de procura de emprego para a taxa de transição para o emprego.

O período amostral considerado foi do 1º trimestre de 1992 ao 3º trimestre de 1998 (última informação disponível à data de início das estimações). Uma vez que se pretende analisar o caso particular dos jovens consideraram-se apenas os indivíduos entre os 16 e os 25 anos de idade.

O Inquérito ao Emprego considera 11 estratégias de procura de emprego distintas, que são agregadas em 7 categorias de forma a permitir um número de observações suficientes para que se possam fazer estimações para cada categoria. As categorias consideradas são:

1. Abordagem directa à empresa;
2. Familiares e amigos;
3. Resposta a anúncios;
4. Centros de emprego;
5. Auto-emprego;
6. Realização de testes e entrevistas;
7. Outros (agências de emprego privadas, por exemplo).

A categoria auto-emprego tem que ser tomada com uma certa abrangência de forma a incluir todas as diligências feitas pelos indivíduos no sentido de criarem o seu próprio emprego (procura de financiamento, aluguer ou compra de espaço, compra de equipamento, ...). A categoria realização de testes e entrevistas tem que ser vista de forma diferente, uma vez que compreende testes e entrevistas que representam um estado intermédio do processo de procura de emprego.

O Inquérito ao Emprego identifica ainda 12 formas pelas quais o indivíduo pode ter encontrado um emprego, que foram agregadas em 8 categorias. 7 categorias correspondem aos métodos de procura de emprego anteriormente considerados, a oitava categoria corresponde aos casos em que é o próprio empregador que contacta o indivíduo a empregar.

O Inquérito ao Emprego contém ainda uma série de informação útil sobre diversos itens como o sexo, a idade, o estado civil, a existência de limitação física, recebimento de subsídio de desemprego, nível de escolaridade, duração do último emprego, experiência no mercado de trabalho, número de empregos, situação face ao emprego e zona de residência.

As variáveis utilizadas neste estudo bem como a sua média, o desvio-padrão e a classe omitida nos casos em que ela existe estão apresentados no quadro seguinte:

	Variável	Média	Desvio-padrão	Classe Excluída
	Idade	20.9795	2.5351	-
	Sexo	0.4732	0.4993	Mulheres
	Número de empregos	1.2165	1.6974	-
Métodos de procura	Centro de emprego	0.4483	0.4974	-
	Abordagem directa	0.4645	0.4988	-
	Amigos e familiares	0.5069	0.5000	-
	Resposta a anúncios	0.3764	0.4845	-
	Auto-emprego	0.0024	0.0485	-
	Exames e testes de admissão	0.0820	0.2744	-
	Outros	0.1317	0.3382	-
		Subsídio de desemprego	0.1364	0.3433
Razão procura	Primeiro emprego	0.3901	0.4878	Outras razões
	Despedimento colectivo	0.0477	0.2130	Outras razões
	Fim contrato a prazo	0.2658	0.4418	Outras razões
Região	Algarve	0.0700	0.2551	Alentejo
	Centro	0.0925	0.2898	Alentejo
	Lisboa e Vale do Tejo	0.3534	0.4781	Alentejo
	Norte	0.3446	0.4753	Alentejo
	Casado	0.1420	0.3491	Não casado
	Deficiência	0.0112	0.1053	Não deficiente
	Duração do último emprego	0.8884	1.5350	-
	Escolaridade	8.2739	3.4772	-
	White-collar	0.1294	0.3356	Não White-Collar

Na análise que se faz em seguida consideram-se as seguintes restrições à base de dados do Inquérito ao Emprego:

1. os indivíduos encontram-se desempregados à data do Inquérito;
2. os indivíduos têm idades compreendidas entre os 16 e os 25 anos;
3. só se tomam em consideração as transições do desemprego para o emprego;
4. os indivíduos residem em Portugal Continental.

4. A duração do desemprego

4.1. Caracterização dos jovens desempregados em Portugal

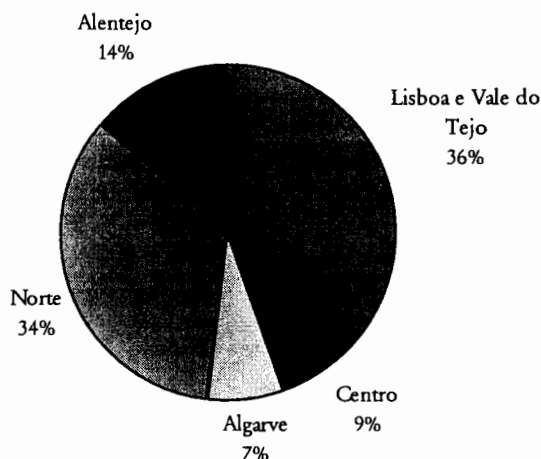
A base de dados dos desempregados com idade compreendida entre os 16 e os 25 anos, correspondente ao período que vai do 1º trimestres de 1992 ao 3º trimestre de 1999 possui 7219 indivíduos. Destes, 47% são homens e têm uma idade média de 21 anos tal como as mulheres (53% da amostra). Cerca de 18% destes jovens transitam para o emprego no trimestre seguinte, sendo a taxa de transição de 19% para os homens e de 17% para as mulheres.

A duração média do desemprego é de 10 meses, sendo aproximadamente a mesma para homens e mulheres. 14% destes indivíduos recebe subsídio de desemprego e tem como escolaridade média 8 anos. No que concerne ao estado civil, apenas 6% dos homens são casados, ao passo que no caso das mulheres este valor é de 22%.

Quando questionados sobre a razão porque estão desempregados, quer os homens quer as mulheres respondem de forma muito semelhante. Cerca de 40% procura o primeiro emprego, 5% foi alvo de um processo de despedimento colectivo e quase 30% terminou um contrato de duração limitada. Os restantes 25% enquadram-se noutras situações como despedimento individual, demissão e outras.

No que toca á distribuição regional dos indivíduos é também muito semelhante para homens e mulheres sendo a distribuição dos jovens desempregados a seguinte:

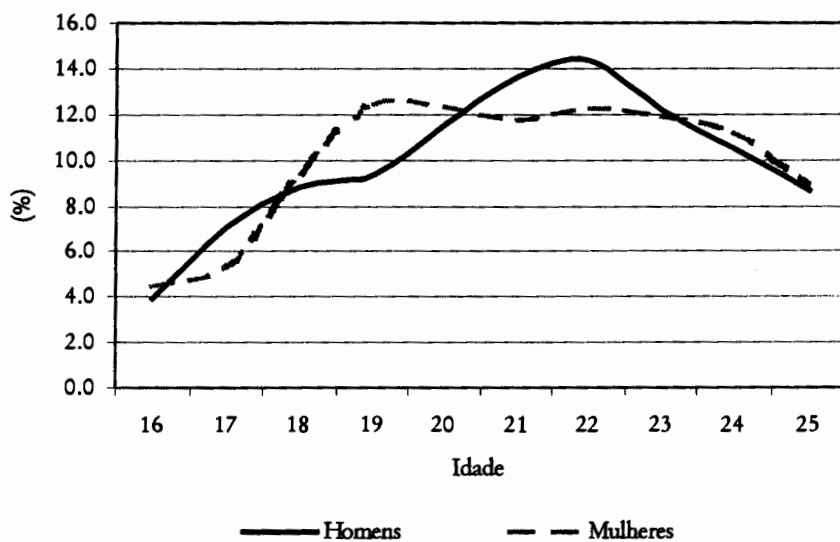
Figura 1 – Distribuição geográfica dos jovens desempregados



No que toca aos métodos de procura de emprego, a percentagem de homens e mulheres que recorre ao contacto directo com as empresas é muito semelhante, cerca de 50%. A proporção é também muito semelhante nos métodos de resposta a anúncios, 37%; realização de testes e entrevistas, 8%; e recurso a outros métodos não discriminados, 13%. As diferenças surgem no caso do recurso aos centros de emprego e contactos com familiares e amigos. As mulheres recorrem mais aos centros de emprego que os homens (50% das mulheres e 39% dos homens), ao passo que os contactos com familiares e amigos são mais utilizados pelos homens (54% para os homens e 48% para as mulheres).

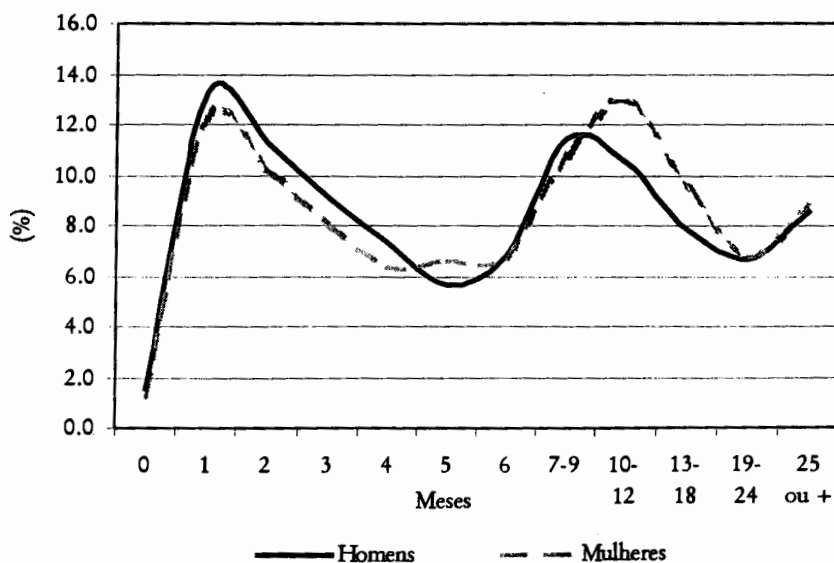
No que toca à estrutura etária dos jovens desempregados, é notório que os homens têm uma idade mais concentrada em torno dos 22 e 23 anos, ao passo que as mulheres têm uma distribuição de idades mais uniforme. Esta estrutura é ilustrada no gráfico seguinte:

Figura 2 - Estrutura etária dos jovens desempregados por sexo



A estrutura de duração do desemprego é muito semelhante para ambos os sexos, apresentando dois picos. O primeiro pico corresponde à duração de um mês e é comum a ambos os sexos. O segundo pico surge nas durações de 7-9 meses para os homens e 10-12 meses para as mulheres. A estrutura da duração do desemprego das mulheres é mais concentrada em durações mais longas que a dos homens como se observa na figura:

Figura 3 - Estrutura de duração do desemprego dos jovens por sexos



Quando se analisa a escolha dos métodos de procura de emprego pelos jovens desempregados e a forma como esses mesmos jovens encontraram emprego retiram-se algumas conclusões interessantes.

Uma primeira constatação é que os indivíduos não se cingem a um único método de procura de emprego, em média, cada indivíduo recorre a dois métodos de procura de emprego distintos. Uma segunda observação a fazer diz respeito aos métodos utilizados. O método mais utilizado é o contacto com familiares e amigos, o que é justificado à luz do modelo teórico apresentado não só pelo baixo custo, como também pela elevada eficácia deste método (cerca de 53% dos jovens que transitam para o emprego, encontram emprego desta forma). A abordagem directa ao empregador (candidatura espontânea, por exemplo), a par com o contacto com os centros de emprego são os métodos que se seguem, sendo utilizado cada um destes métodos por mais de 3000 dos 7219 indivíduos incluídos na amostra seleccionada. A resposta a anúncios é o método escolhido por 2717 indivíduo, sendo os restantes métodos (realização de testes e entrevistas, auto-emprego e outros métodos) utilizados por menos de 1000 indivíduos.

Quadro 1 - Métodos de procura de emprego pelos jovens (1992 - 1998)

	Número de indivíduos que usa o método em t-1	Número de indivíduos (%) que encontra emprego em t	Número (%) de indivíduos que usavam um método de procura em t-1 e encontrou emprego dessa forma em t	Número (%) de empregados por método pelo qual encontraram emprego
Centro de emprego	3236	518 (16.0)	54 (1.7)	71 (5.7)
Abordagem directa	3353	681 (20.3)	36 (1.1)	274 (21.9)
Familiares e amigos	3659	661 (18.1)	400 (10.9)	665 (53.1)
Resposta a anúncios	2717	459 (16.9)	64 (2.4)	90 (7.2)
Auto-emprego	17	8 (47.1)	7 (41.2)	41 (3.3)
Testes e entrevistas	592	117 (19.8)	14 (2.4)	60 (4.8)
Outros	951	173 (18.2)	10 (1.1)	51 (4.1)
Média de número de métodos de procura por indivíduo = 2.01				

Os métodos que proporcionam aos indivíduos que os utilizam uma maior taxa de transição para o emprego são a abordagem directa aos empregadores, a realização de testes e entrevistas e os contactos com familiares e amigos. Contudo, há que levar em linha de conta que os testes e entrevistas representam muitas vezes um patamar intermédio do processo de procura de emprego, resultando de um processo de

selecção prévia. Por outro lado, os indivíduos que optam pelo auto-emprego apresentam uma elevada taxa de transição, contudo este sucesso deve ser relativizado pelo facto de termos apenas 17 observações e de não sabermos até que ponto este auto-emprego representa uma solução de curto prazo. Mais interessante do que saber quais os métodos utilizados por aqueles que transitam para o emprego, é saber se o fizeram através de um método de procura de emprego que estavam a utilizar, de forma a aferir a eficácia de cada método de procura de emprego.

De acordo com a amostra que se está a analisar, o método mais eficaz de procura, isto é, o que garante uma maior taxa de transição pela sua utilização, é o contacto com amigos e familiares. Note-se que cerca de 11% dos indivíduos que utilizam este método encontram emprego através dele. A criação do próprio emprego apresenta um grau de eficácia de 41%, contudo temos apenas 17 observações, o que é pouco significativo em termos de se poder tirar uma conclusão. Os restantes métodos têm graus de eficácia muito reduzidos, é de salientar a fraca capacidade dos centros de emprego na colocação de jovens desempregados que a eles recorrem, apenas 1,7% dos que dizem usar este método de procura encontram emprego desta forma.

Até aqui caracterizaram-se os dados de forma a dar uma ideia da estrutura dos jovens desempregados portugueses quer em termos gerais, quer discriminando por sexo. Por outro lado, fez-se uma primeira abordagem aos métodos de procura de emprego mais utilizados e à sua eficácia. O resto do estudo preocupa-se com a duração do desemprego e com a forma como essa duração é influenciada pelos métodos de procura de emprego e pelas especificidades dos indivíduos.

4.2. A duração do desemprego dos jovens em Portugal

O objectivo central do estudo é identificar algumas determinantes da duração do desemprego dos jovens em Portugal, através da estimação de taxas de transição para o emprego, que são uma função da duração passada e de uma série de outras variáveis que nos dão as características dos indivíduos e os métodos usados por estes para encontrarem emprego.

O Quadro 1 não entrava em conta com as características dos indivíduos, apresentava apenas algumas estatísticas calculadas com base na amostra sobre os métodos de procura e sobre a efectividade desses métodos sem olhar às características dos indivíduos. Contudo estas características são significativas para o processo de cada um dos métodos que se está a considerar. A estimação de uma *piecewise constant hazard function* permite não só estimar a probabilidade de transição do desemprego para o emprego, como ter também em conta as características dos indivíduos que se estão a considerar.

Os resultados da estimação das *piecewise constant hazard functions* para o total amostra, bem como para os homens e mulheres em separado, permite obter os resultados que se apresentam no quadro a seguir.

Quadro 2 - Probabilidade de Abandono do Desemprego
por Método de Procura, 1992-1998

Variável	Geral	Homens	Mulheres
Idade	-0.0072 (0.0134)	0.0057 (0.0187)	-0.0294 (0.0199)
Sexo	0.1079* (0.0599)	-	-
Número de empregos	0.0334* (0.0167)	0.0076 (0.0212)	0.0858* (0.0329)
Métodos de procura			
Centro de emprego	-0.137* (0.0624)	-0.1344 (0.0893)	-0.161* (0.0885)
Abordagem directa	0.2474* (0.0582)	0.2617* (0.0820)	0.225* (0.0836)
Amigos e familiares	-0.0249 (0.0575)	0.0191 (0.0812)	-0.0689 (0.0833)
Resposta a anúncios	-0.0678 (0.0643)	-0.0837 (0.0924)	-0.0517 (0.0907)
Auto-emprego	1.3036* (0.3751)	1.1721* (0.4390)	1.6852* (0.7622)
Exames e testes de admissão	0.1676* (0.1018)	0.1575 (0.1561)	0.1658 (0.1357)
Outros	0.0388 (0.0848)	0.1729 (0.1147)	-0.1170 (0.1279)
Subsídio de desemprego	-0.2908* (0.0958)	-0.291* (0.1360)	-0.3021* (0.1366)
Razão procura			
Primeiro emprego	-0.5043* (0.0932)	-0.594* (0.1294)	-0.3843* (0.1397)
Despedimento colectivo	-0.1359 (0.1504)	-0.0450 (0.2087)	-0.2478 (0.2235)
Fim contrato a prazo	0.0746 (0.0730)	0.1315 (0.1003)	0.0071 (0.1078)
Região			
Algarve	-0.2152* (0.1299)	-0.3196* (0.1885)	-0.1220 (0.1819)
Centro	0.1075 (0.1135)	0.0615 (0.1632)	0.1592 (0.1590)
Lisboa e Vale do Tejo	-0.2195* (0.0932)	-0.1045 (0.1335)	-0.3224* (0.1316)
Norte	-0.0996 (0.0926)	-0.0344 (0.1324)	-0.1388 (0.1319)
Casado	-0.1372 (0.0911)	0.0598 (0.1634)	-0.1757 (0.1115)
Deficiência	-0.4916 (0.3379)	-0.4266 (0.3628)	-0.9003 (1.0104)
Duração do último emprego	-0.0097 (0.0219)	-0.0040 (0.0288)	-0.0102 (0.0351)
Escolaridade	0.0379* (0.0105)	0.0293* (0.0153)	0.0486* (0.0150)
White-collar	-0.0585 (0.0883)	-0.1751 (0.1338)	0.0547 (0.1209)
Log-likelihood	-3262.9692	-1606.1307	-1642.5069
Número de observações	7219	3416	3803

Nota: os valores entre parêntesis indicam o desvio-padrão dos coeficientes; os valores com * indicam que o coeficiente é estatisticamente diferente de zero para um nível de significância inferior a 10%.

No que toca à generalidade da amostra, note-se que variáveis como o sexo, o tempo de empregos anterior, o facto de estar a receber o subsídio de desemprego, o nível de escolaridade e a região serem variáveis significativas.

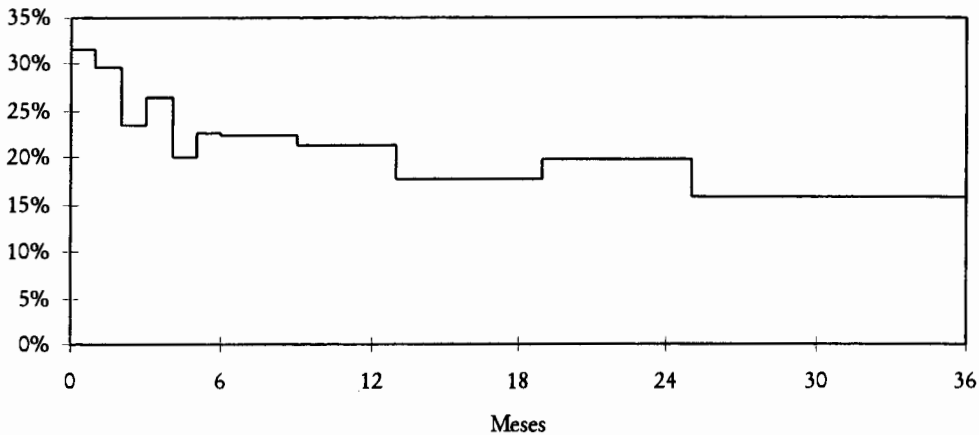
Uma análise dos resultados permite perceber que os homens transitam mais rapidamente para o emprego que as mulheres e que a escolaridade contribui para acelerar a transição para o emprego. O facto de estar a receber o subsídio de desemprego, a procurar o primeiro emprego ou estar a procurar emprego na região de Lisboa e Vale do Tejo ou Algarve retardam a transição para o emprego.

No que toca aos métodos de procura de emprego, nem todos são significativos. Assim, a abordagem directa aos eventuais empregadores, bem como o auto-emprego, a realização de testes e entrevistas contribuem para acelerar a transição para o emprego. A procura de emprego através dos centros de emprego contribui para um retardamento da transição para o emprego, resultado que põe de alguma forma em causa a eficácia destas estruturas.

Um dado relevante a ter em conta diz respeito ao subsídio de desemprego, que tem um efeito depressor das taxas de transição para o emprego, que não pode ser ignorado e que poderá desvirtuar os objectivos deste subsídio.

A *piecewise constant hazard function* estimada apresenta uma dependência inversa face à duração do desemprego, isto é, quando cresce a duração do desemprego, a probabilidade de transição é decrescente, o que é um resultado esperado quando se analisa o fenómeno do desemprego. A *piecewise constant hazard function* representada considera um homem de 21 anos com 8 anos de escolaridade e corresponde às categorias omitidas em todos os outros casos.

Figura 4 - *Piecewise constant hazard function* – global

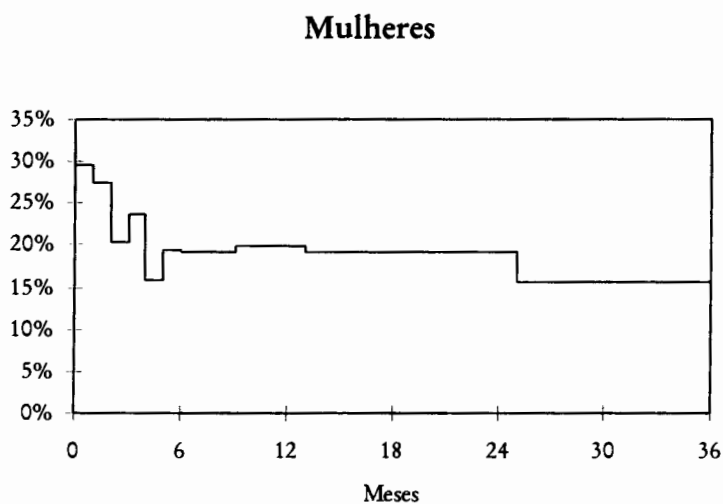
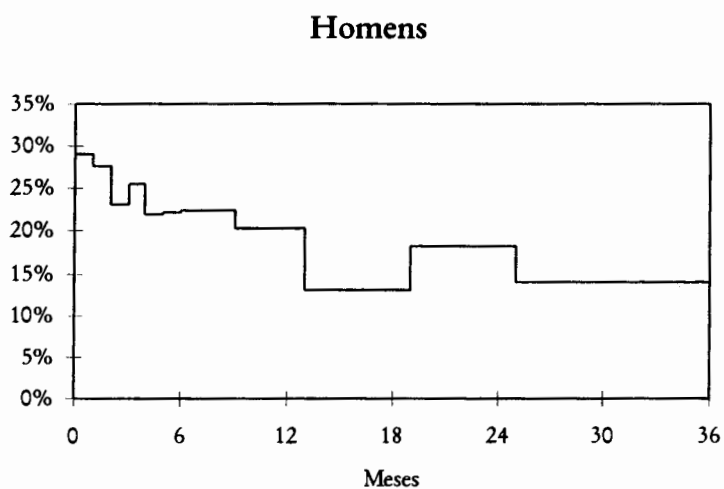


Quando se estima a regressão considerando homens e mulheres separadamente conclui-se que a redução da taxa de transição daqueles que utilizam os centros de emprego só é significativa no caso das mulheres. A procura de primeiro emprego tem um efeito especialmente negativo no caso dos homens, sendo de menor intensidade no caso das mulheres, embora o efeito seja significativo em ambos os casos.

A escolaridade que tem um efeito acelerador da transição para o emprego, que é mais forte no caso das mulheres. Desta forma, a escolaridade assume um papel corrector das desvantagens das mulheres na transição para o emprego. Ao nível regional note-se que o efeito depressor da transição quando se procura emprego no Algarve só é significativo para os homens, enquanto na região de Lisboa e Vale do Tejo apenas as mulheres sofrem esse efeito. O número de empregos no passado é significativo no caso das mulheres e tem um efeito acelerador da transição.

As taxas de transição para homens e mulheres apresentam uma dependência negativa tal como seria de esperar, embora a taxa de transição das mulheres seja mais estável que a dos homens ao longo do período de desemprego decorrido. As *piecewise constant hazard function* representadas dizem respeito a homens e mulheres com 21 anos e 8 anos de escolaridade e que possuem as características correspondentes às categorias omitidas em todos os demais itens.

Figura 5 - *Piecewise constant hazard function*



Como conclusão desta primeira abordagem é de realçar que:

- o subsídio de desemprego tem um efeito desacelerador da transição para o emprego, o que parece dar força às teses que defendem que é preferível subsidiar o emprego, isto é, subsidiar aqueles que aceitam um emprego ainda que recebendo menos que o salário mínimo;
- a procura de emprego através dos centros de emprego tem um efeito depressor da transição para o emprego, o que põe em causa a efectividade deste método, sobretudo se olharmos ao número de indivíduos que utilizam

este método e ao número de colocações (apenas 1,7% dos que utilizam este método são colocados);

- a escolaridade tem um papel muito relevante, especialmente no caso das mulheres, o que reforça a ideia de que o investimento em educação é primordial para solucionar o problema do desemprego, sendo mesmo um factor de promoção da igualdade de oportunidades entre homens e mulheres na procura de emprego.

Um exercício interessante consiste em estimar as taxas de transição condicionadas à forma como os indivíduos que transitaram para o emprego o fizeram. Neste caso, a variável dependente não é uma taxa de transição pura, mas antes a taxa de transição segundo um determinado método pelo qual os indivíduos encontraram emprego.

Desta forma, estimaram-se oito *piecewise constant hazard functions* tendo-se obtido os resultados do quadro seguinte.

Nº de casos	Método pelo qual encontraram emprego										
	Abordagem directa	Amigos e familiares		Resposta a anúncios		Centro de emprego		Auto-emprego		Outros	Empregador
	274	665	90	71	41	60	51	35			
Sexo	0.2312*	0.1745*	-0.0704	-0.5859	0.7342	-0.0468	0.2928	-0.3358			
Idade	0.1294	0.0821	0.2273	0.2665	0.3494	0.2785	0.3702	0.2785			
Número de empregos	-0.0663*	-0.0438*	0.1269*	0.0397*	0.1832*	0.1226*	0.0944*	-0.0263*			
Subsídio de desemprego	0.0283	0.0185	0.0527	0.0552	0.0799	0.0806	0.0733	0.0765			
Primeiro emprego	0.0197	0.051*	-0.0739	0.0357	-0.0756	0.0422	0.0784	0.0784			
Despedimento colectivo	0.036	0.0218	0.0871	0.0679	0.1155	0.1166	0.1107	0.0659			
Fim contrato a prazo	-0.4779*	-0.3577*	-0.9449*	0.4329*	0.1482*	-0.7853*	-1.1631*	0.4779*			
Algarve	0.1972	0.1298	0.4406	0.329	0.4448	0.754	0.7456	0.3985			
Centro	-0.6159*	-0.3677*	-1.0936*	0.0872*	-0.9014*	0.6623*	-1.1439*	-1.6873*			
Lisboa e Vale do Tejo	0.2006	0.1284	0.3494	0.4284	0.5607	0.65	0.4802	0.8258			
Norte	0.4709*	-0.4700*	-1.5188	-0.8919	0.9103	-	0.5929	-0.4594			
Casado	0.2562	0.2318	1.0183	1.0475	0.5366	-	0.6387	1.0609			
Deficiência	0.0256	0.1187	-0.2105	0.5631	-0.3824	0.7121	-0.3439	1.01077			
Duração do último emprego	0.1533	0.1004	0.2769	0.3221	0.414	0.4707	0.398	0.3819			
Escolaridade	0.3794	-0.4477*	-0.3805	-0.2961	-0.4743	-0.6886	1.3304	-0.1846			
White-collar	0.2436	0.2029	0.8391	0.3676	0.8302	0.701	0.8404	0.5112			
Log-likelihood	0.6883*	-0.1079	0.315	-0.8626*	0.4709	0.3501	0.6291	-2.0052			
Número de observações	0.2126	0.1694	0.6358	0.4305	0.5715	0.5185	0.9193	1.0481			
	-0.4732*	-0.0293	1.1885*	-1.6591*	-0.0509*	-0.7544*	1.1504*	-1.0978*			
	0.2062	0.1245	0.4749	0.3563	0.4997	0.468	0.7468	0.4565			
	-0.1455	0.1043	0.8492*	-1.5371*	-0.5123*	-0.1567*	1.1371*	-1.3816*			
	0.1971	0.1238	0.4886	0.3431	0.5353	0.4434	0.7531	0.4984			
	-0.078	-0.3241*	0.2471	-0.109	1.0508	-0.2841	-0.6508	0.3318			
	0.193	0.1359	0.3116	0.3316	0.3902	0.5415	0.6226	0.4121			
	-	-0.6636	0.3366	1.1861	1.6206	-	-	-			
	-	0.5051	1.0222	0.7572	0.7854	-	-	-			
	0.037	0.0143	-0.0721	-0.0038	-0.0484	-0.075	-0.3625	-0.0358			
	0.0408	0.0305	0.091	0.1029	0.099	0.228	0.2062	0.1317			
	-0.0136	0.0061	0.096*	-0.0059*	0.0478*	0.354*	0.1671*	-0.0694*			
	0.0232	0.0146	0.0367	0.0442	0.0578	0.0521	0.051	0.0669			
	-0.2208	0.0421	-0.5196	-0.1178	0.0423	0.6573	-0.0907	0.4605			
	0.2115	0.123	0.3336	0.3817	0.4442	0.4898	0.413	0.4598			
	-1098.9652	-2162.6808	-447.5345	-357.9619	-227.6533	-259.7159	-275.0249	-188.7638			
	7219	7219	7219	7219	7219	7219	7219	7219			

Nota: os valores entre parêntesis indicam o desvio-padrão dos coeficientes; os valores com * indicam que o coeficiente é estatisticamente diferente de zero para um nível de significância inferior a 10%.

Uma primeira análise dos coeficientes permite concluir que os efeitos de cada um dos regressores sobre a taxa de transição varia consoante a forma através da qual os indivíduos encontraram emprego, não só no que concerne à intensidade dos efeitos como também ao sinal.

Uma segunda ilação a retirar diz respeito à influência das características dos indivíduos na sua transição mais rápida ou mais lenta para o emprego. Nenhuma das características que se consideram tem uma abrangência total, isto é, não existe nenhuma característica que tenha um efeito significativo sobre todas as forma pelas quais os indivíduos encontraram emprego simultaneamente. Em alguns casos a escolaridade é o factor mais significativo, noutros casos a idade é o factor que domina, noutros ainda é a região em que os indivíduos procuraram emprego.

Uma análise mais atenta permite encontrar algumas características importantes para alguns métodos, bem como verificar algumas regularidades conhecidas.

Os homens vêem acelerada a sua transição para o emprego quer no caso da abordagem directa, quer no caso dos contactos informais com amigos e familiares. No caso do auto-emprego os homens são também privilegiados em relação às mulheres. As mulheres que encontram emprego através dos centros de emprego transitam mais rapidamente que os homens, os centros de emprego desenvolvem um papel de alguma correcção da desigualdade de oportunidades entre sexos.

A idade desempenha um papel de travão para os jovens que encontram emprego através de contactos directos com as empresas e de amigos e familiares. Contudo, aqueles que encontraram emprego através da resposta a anúncios ou que criaram o seu próprio emprego são favorecidos pela idade, que funciona como uma sinalização de maior experiência e maturidade.

Os jovens que recebem subsídio de desemprego tendem a permanecer mais tempo no desemprego, sendo este factor significativo para aqueles que encontraram emprego por abordagem directa ao empregador, por contactos informais e através da resposta a anúncios.

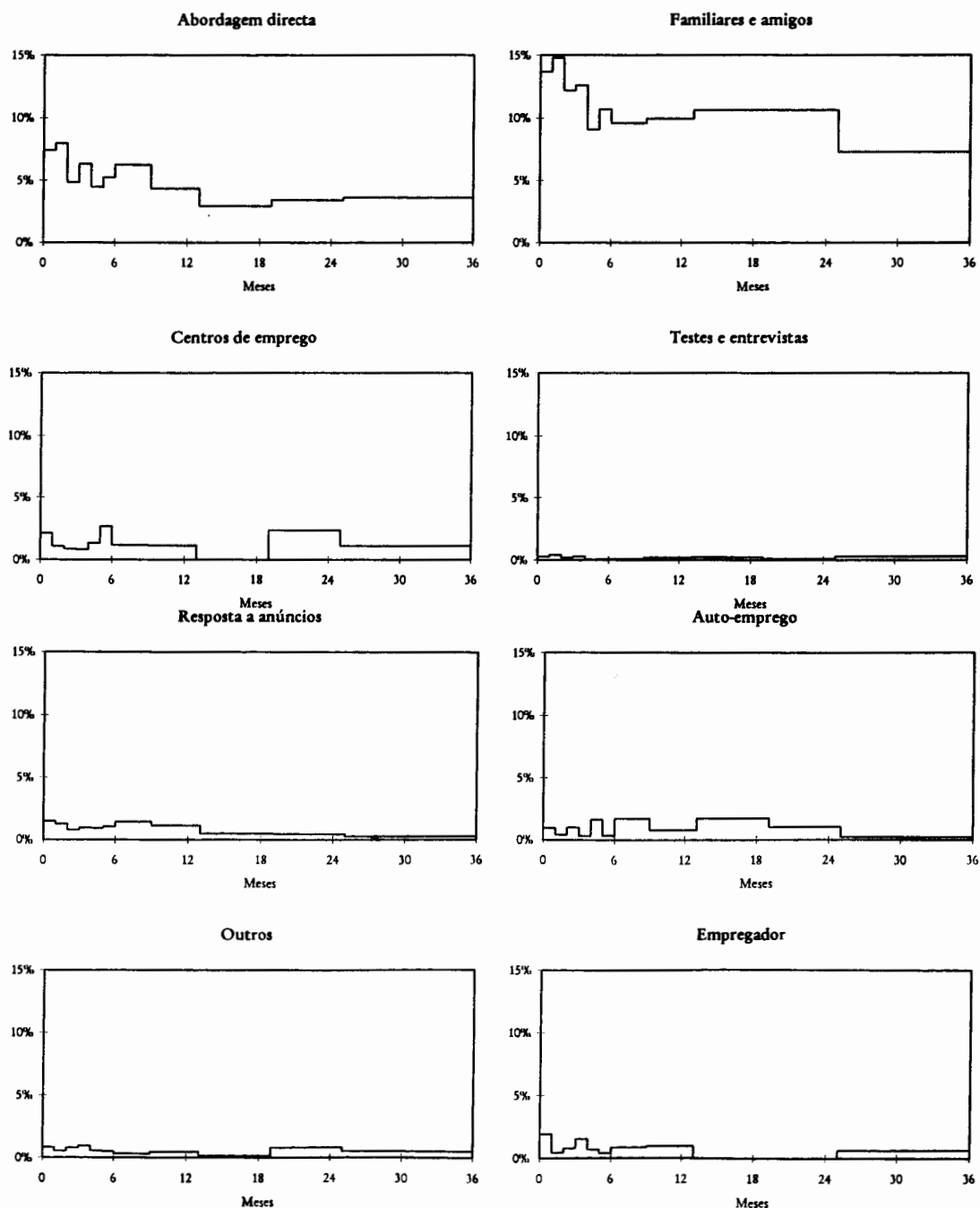
A procura do primeiro emprego é um factor de redução da taxa de transição para aqueles que encontraram emprego através de abordagem directa, contactos informais, resposta a anúncios, bem como para os que utilizaram outros métodos ou foram contactados directamente pelo empregador. Este resultado é compatível com a teoria, uma vez que o primeiro emprego é dificultado pela falta de uma experiência profissional que permita certificar a qualidade dos jovens junto dos empregadores e ultrapassar os problemas de informação assimétrica.

Ao nível regional há que ter em conta que os resultados são obtidos por referência à categoria omitida que no caso é a região do Alentejo. Assim, aqueles que encontraram emprego através de contactos informais apresentam uma taxa de transição inferior se procuraram emprego na região do Algarve. Os que encontraram emprego por abordagem directa têm uma taxa de transição superior se procuraram na região Centro, a taxa de transição é inferior se procuraram na região de Lisboa e Vale do Tejo. A resposta a anúncios permitiu que transitassem para o emprego 90 indivíduos, que viram a sua transição acelerada se procuraram emprego na região Norte ou Lisboa e Vale do Tejo. Aqueles que encontraram emprego através de agências de emprego privadas e outros métodos não discriminados viram a sua transição acelerada se procuraram na região de Lisboa e Vale do Tejo e Norte. No que toca às restantes formas através das quais os indivíduos encontraram emprego, a procura de emprego em Lisboa e Vale do Tejo e no Norte atrasou a transição para o emprego.

A escolaridade é um factor extremamente significativo, tendo um efeito acelerador da transição para o emprego nos métodos que implicam uma maior certificação como sejam a resposta a anúncios, a realização de testes e entrevistas, o recurso ao auto-emprego e outros. A escolaridade tem um efeito retardador da transição para o emprego no caso dos centros de emprego e no caso em que o desempregado é contactado pelo empregador, o que é justificável pelo facto de a escolaridade constituir um capital de que o desempregado dispõe para negociar melhores condições e esperar por melhores propostas, o que retarda a transição para o emprego.

Para cada uma das formas pelas quais os indivíduos encontraram emprego obteve-se a respectiva *piecewise constant hazard function* para um homem com 8 anos de escolaridade, 21 anos de idade e que assume os valores de referência para os restantes factores. As taxas de transição são mais baixas que nos casos que se consideraram anteriormente uma vez que agora a taxa de transição está condicionada à forma como o indivíduo encontrou emprego.

Figura 6 - Hazard functions segundo a forma como os desempregados encontraram emprego



A principal constatação diz respeito ao facto de a dependência negativa face à duração do desemprego passada ser uma característica dos métodos de abordagem directa, contactos com familiares e amigos e resposta a anúncios. Para os restantes métodos a dependência não é tão clara. A *hazard function* respeitante aos centros de emprego apresenta uma dependência face à duração do desemprego constante, reflectindo o facto dos desempregados só aceitarem as ofertas dos centros de emprego depois de terem procurado emprego por outros métodos sem terem sido bem sucedidos, como é referido em Addison e Portugal (1998).

A análise anterior não tem em conta a forma como os indivíduos procuram emprego, mas apenas a forma como encontram emprego. Uma vez que é relevante saber quais os métodos de procura de emprego e qual a sua efectividade, torna-se importante entrar em conta com o sucesso de cada método em particular.

Uma forma de aferir o sucesso de cada método de procura é encontrar os métodos que proporcionam maiores taxas de transição aos indivíduos que utilizaram esse método, sendo estas taxas de transição condicionadas ao indivíduo ter encontrado emprego pelo método de procura que estava a utilizar. Desta forma, quando estimamos a regressão estamos a excluir os indivíduos que encontraram emprego por um método que não estavam a utilizar no trimestre anterior.

A estimação das *hazard functions* levanta alguns problemas econométricos, uma vez que a amostra é partida em sub-amostras que, em alguns casos, não têm observações suficientes para garantir a convergência do estimador da máxima verosimilhança, inviabilizando a estimação dos parâmetros. Desta forma, só foi possível fazer a estimação para os métodos de abordagem directa, contactos informais com familiares e amigos, respostas a anúncios e centros de emprego.

Os resultados da estimação das *piecewise constant hazard functions* estão resumidos no quadro seguinte:

Quadro 4 - Probabilidade de Abandono do Desemprego
segundo método de procura com êxito

		Método pelo qual procuraram e encontraram emprego			
		Abordagem directa	Amigos e familiares	Resposta a anúncios	Centro de emprego
Sexo		0.1291	0.1191	-0.1029	-0.0855
		0.1667	0.1057	0.2644	0.2922
Idade		-0.1025*	-0.0257	0.124*	-0.0225
		0.0368	0.024	0.063	0.0683
Número de empregos		0.0748*	0.0453	-0.1052	0.0709
		0.0413	0.0302	0.0964	0.0907
Subsídio de desemprego		-1.0587*	-0.3038*	-1.2172*	-0.2438
		0.3097	0.178	0.614	0.379
Razão procura	Primeiro emprego	-0.6514	-0.2159	-1.0953*	-0.0739
		0.256	0.166	0.4175	0.504
	Despedimento colectivo	0.8438*	-0.6983*	-	-0.96
		0.3084	0.349	-	1.06
Fim contrato a prazo		0.0256	0.231*	-0.0788	0.3815
		0.1975	0.1272	0.3263	0.3637
Região	Algarve	0.3164	-0.6631*	-0.6192	0.3393
		0.3106	0.286	1.1669	0.4036
	Centro	0.9915*	-0.0544	-0.5661	-0.9879
		0.2885	0.2113	0.9246	0.6326
Lisboa e Vale do Tejo		-0.09243	0.0698	0.3709	-0.9245*
		0.2726	0.164	0.6132	0.425
Norte		0.1749	0.0512	0.2044	-0.5625
		0.2585	0.1648	0.623	0.3828
Casado		-0.3008	-0.2644	0.4249	-0.1832
		0.2771	0.1765	0.3645	0.4144
Duração do último emprego		0.0484	0.017	-0.089	0.0376
		0.0491	0.0376	0.1201	0.1209
Escolaridade		0.0218	-0.0175	0.0361	0.032
		0.0294	0.019	0.0444	0.054
White-collar		-0.4732	0.178	-0.7541*	-0.2219
		0.3005	0.1555	0.4028	0.4298
Log-likelihood		-629.6686	-1228.0597	-278.2977	-256.8006
Número de observações		3353	3659	2717	3263

Nota: os valores entre parêntesis indicam o desvio-padrão dos coeficientes; os valores com * indicam que o coeficiente é estatisticamente diferente de zero para um nível de significância inferior a 10%.

Numa primeira análise dos resultados sobressai o facto de o sexo deixar de ser um factor significativo de aceleração ou retardamento da transição para o emprego daqueles jovens que encontram emprego por um método que utilizam no trimestre anterior. Desta forma, conclui-se que a desigualdade de oportunidades é gerada entre os jovens que encontram emprego por um método que não estavam a utilizar no trimestre anterior.

O subsídio de desemprego mantém o seu efeito desincentivador da transição para o emprego, sendo desta forma um incentivo ao lazer e a uma transição mais tardia. O efeito do subsídio de desemprego não é significativo para os indivíduos cuja procura de emprego é feita através de centros de emprego, o que é explicado

pelo facto de praticamente todos os indivíduos que procuram emprego através dos centros de emprego terem direito ao subsídio de desemprego.

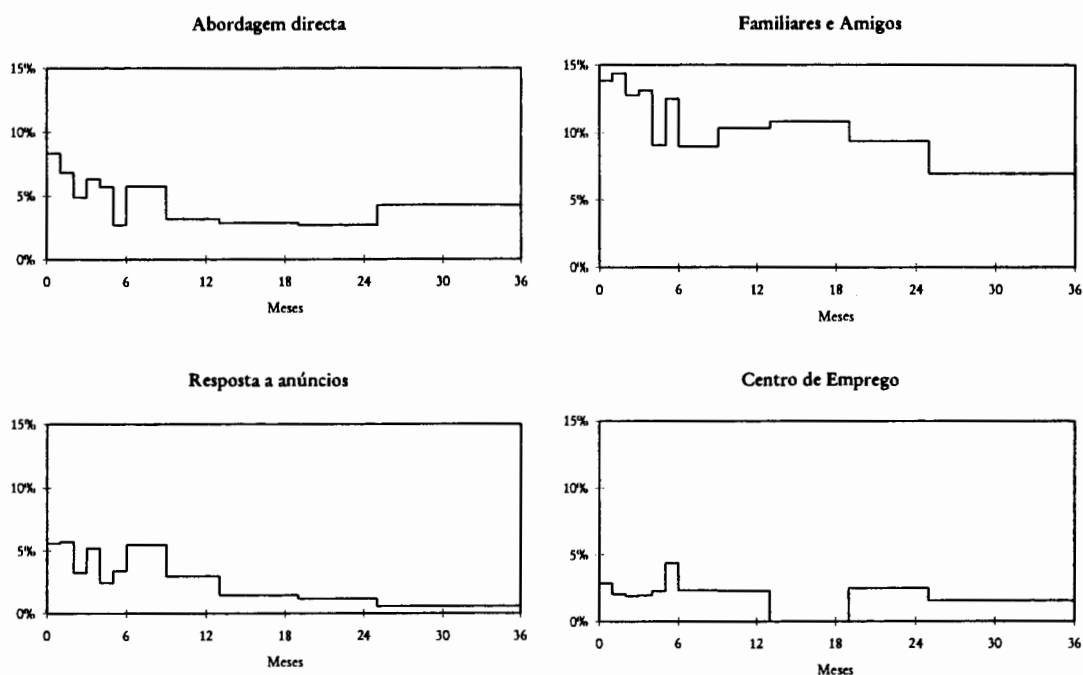
A procura do primeiro emprego mantém o seu efeito depressor da transição para o emprego. O despedimento colectivo tem um efeito retardador da transição para o emprego no caso dos jovens que procuram e encontram emprego através do contacto com familiares e amigos, tendo o efeito contrário na abordagem directa às empresas.

Os efeitos significativos ao nível regional são agora em menor número. Os indivíduos que procuraram e encontraram emprego pelo método de abordagem directa à empresa viram a sua transição facilitada se a procura de emprego ocorreu na região Centro. O recurso ao contacto com familiares e amigos teve um efeito retardador para aqueles que procuram emprego na região do Algarve, o mesmo tendo acontecido àqueles que usam os centros de emprego na região de Lisboa e Vale do Tejo.

Os restantes factores (estado civil, duração do emprego anterior e escolaridade) não tiveram qualquer efeito significativo na maior ou menor rapidez de transição daqueles que encontram emprego segundo um método de procura que estavam a utilizar no trimestre anterior.

As *piecewise constant hazard functions* para um homem com 21 anos e 8 anos de escolaridade, tomando o valor de referência para as restantes características, apresentam a seguinte configuração.

Figura 7 – Hazard functions, segundo os métodos de procura com êxito



As taxas de transição dos indivíduos que utilizam cada método e que encontram emprego através desse método são um indicador da efectividade do método. Desta forma, os métodos que proporcionam uma maior taxa de transição são mais eficazes.

As *hazard functions* dos métodos de abordagem directa à empresa, contacto informal com familiares e amigos e resposta a anúncios apresentam dependência negativa em relação à duração passada do desemprego.

No caso dos centros de emprego, a taxa de transição é relativamente estável para uma duração do desemprego dos 0 aos 24 meses, tendo um pico nos 6 meses; após os 24 meses, a taxa de transição reduz-se ligeiramente. Este resultado, aparentemente contraditório com o obtido anteriormente, justifica-se pelo facto de existirem indivíduos que encontram emprego através destas estruturas, embora não estivessem a procurar emprego por este método no trimestre anterior.

Em termos de efectividade, o contacto informal com familiares e amigos é o método que garante uma transição mais rápida para o emprego, seguido pela abordagem directa às empresas e pela resposta a anúncios. A procura através dos centros de emprego surge como o método com menor efectividade, o que corrobora

as considerações anteriores sobre a fraca capacidade destas estruturas na colocação de indivíduos no mercado de trabalho e, em particular, dos jovens.

5. Considerações finais

As conclusões mais importantes deste estudo dizem respeito ao efeito do subsídio de desemprego na transição para o emprego e no papel que os centros de emprego têm desempenhado na colocação de jovens de desempregados.

O subsídio de desemprego desincentiva a transição dos jovens para o emprego, os jovens desempregados que recebem o subsídio de desemprego apresentam taxas de transição para o emprego mais baixas do que aqueles que não recebem este subsídio. O desincentivo provocado pelo subsídio de desemprego nos jovens é superior ao dos desempregados em geral quando se comparam os valores obtidos com os de Addison e Portugal (1998). Este resultado põe em causa o papel do subsídio de desemprego, enquanto mecanismo de estabilização do rendimento dos desempregados, uma vez que desincentivando a transição para o emprego leva uma distorção de incentivos. Uma forma de evitar esta situação é atribuir um subsídio àqueles que aceitem trabalhar recebendo salários reduzidos, servindo o subsídio como complemento ao rendimento.

Ao nível dos métodos de procura de emprego, a procura através dos centros de emprego é um método muito pouco eficaz, retardando a transição para o emprego dos jovens desempregados. Comparativamente com os valores de Addison e Portugal (1998) para o total dos desempregados, os resultados deste estudo mostram que o efeito retardador da transição dos jovens é mais forte, o que sugere um falta de sensibilidade destas estruturas para os problemas específicos daqueles que não possuem uma história profissional relativamente longa.

A escolaridade desempenha um papel relevante na transição para o emprego tal como referido em Addison e Portugal (1998), mas no caso dos jovens o efeito da escolaridade é mais forte, como seria de esperar, uma vez que é o principal factor de sinalização e certificação dos jovens face aos empregadores. Este resultado aconselha uma aposta forte na política de educação como forma de reduzir a duração do desemprego dos jovens.

Quando se estimam as *piecewise constant hazard functions* segundo o método pelo qual os indivíduos encontraram emprego a dependência negativa mantém-se, exceptuando o caso dos centros de emprego em que a probabilidade de transição se mantém mesmo para as durações mais longas. Este caso excepcional deve-se a muitos jovens só recorrerem aos centros de emprego após terem procurado por outros métodos e não terem sido bem sucedidos, o que garante transições nas durações mais longas.

Quando comparamos as *piecewise constant hazard functions* com as obtidas por Addison e Portugal (1998), concluímos que as taxas de transição são mais baixas para os métodos de testes e entrevistas, auto-emprego e resposta a anúncios, o que reflecte uma menor reputação dos jovens junto dos eventuais empregadores e financiadores de um projecto de auto-emprego. As taxas de transição são mais elevadas para aqueles que encontraram emprego através do contacto com familiares e amigos.

As *piecewise constant hazard functions* estimadas tendo em conta não só método através do qual os indivíduo encontraram emprego, mas também garantindo que os indivíduos procuravam emprego segundo esse método no trimestre anterior permitem retirar algumas conclusões sobre o caso específico dos jovens. Assim, as taxas de transição são semelhantes às de Addison e Portugal (1998), quando os

métodos considerados são o contacto com familiares e amigos ou a abordagem directa às empresas. As taxas de transição são mais reduzidas quando se considera a resposta a anúncios ou a procura através dos centros de emprego. O método com maior efectividade é o contacto com familiares e amigos, sendo mesmo mais efectivo no caso dos jovens do que no caso da generalidade dos desempregados, tal como a abordagem directa às empresas. O método menos efectivo é a procura através dos centros de emprego, sendo menos efectivo que no caso dos desempregados em geral, o que reflecte a menor capacidade dos centros de emprego para lidar com as especificidades dos jovens.

A grande conclusão a retirar é que as políticas de emprego dirigidas aos jovens devem incidir mais no aumento da escolaridade e menos na concessão de subsídios de desemprego, podendo a vertente de subsídios de emprego que tem sido seguida desde há alguns anos com os planos ocupacionais e outras medidas semelhantes ser mais correcta. Ao nível das instituições públicas de promoção do emprego, há que torná-las mais efectivas e sensibilizá-las para o problema do desemprego dos mais jovens, que possui algumas especificidades que têm que ser levadas em conta.